International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-9, Issue-3; Mar, 2022
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.93.9



Mediation, ecology of knowledge and literature: A dialogue on the margins[1]

Mediação, ecologia de saberes e literatura: um diálogo nas margens[1]

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira[2], Fernanda Nigri Faria[3]

[1]Texto escrito inicialmente como guia para o curso: "Literatura, mediação e filosofia", ocorrido no Instituto de Mediação Aplicada – IMA, em Belo Horizonte/Minas Gerais.

[2]Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Professor da UNIVALE.
[3]Doutora em Direito do Trabalho pela PUC/MG. Professora da Faculdade Milton Campos.

Received: 14 Jan 2022,
Received in revised form: 25 Feb 2022,
Accepted: 09 Mar 2022,
Available online: 17 Mar 2022

Keywords— ***Mediation, literature, law and literature, ecology of knowledges, Derrida.***

Palavras chave— ***mediação, literatura, direito e literatura, ecologia de saberes, Derrida.***

Palabras clave— mediación, literatura, derecho y literatura, ecología del conocimiento, Derrida.

Abstract— *This essay intends to offer reflections about a possible path between private mediation and literature, having as an argument, both a derridian reading of alterity, and the theory of ecology of knowledges by Boaventura de Sousa Santos.*

Resumo— *Este ensaio pretende oferecer reflexões acerca de um possível percurso entre a mediação privada e a literatura, tendo como argumento, tanto uma leitura derridiana da alteridade, como a teoria da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos.*

Resumen— *Este ensayo pretende ofrecer reflexiones sobre un posible camino entre la mediación privada y la literatura, teniendo como argumento tanto una lectura derridiana de la alteridad como la teoría de la ecología del conocimiento de Boaventura de Sousa Santos.*

"**A mediação é um trabalho sobre afetos em conflito**, não um acordo entre as partes, exclusivamente patrimonial, sem marcas afetivas" (WARAT)

"O que é a literatura? A literatura como instituição histórica, com suas convenções, suas regras etc., mas também essa instituição da ficção que dá, *em princípio,* o **poder de dizer tudo,** de se liberar das regras, deslocando-as, e, desse mondo, instituindo, inventando (...) a lei da literatura tende, em princípio, a desafiar os suspender a lei. Desse modo, ela permite pensar a essência da lei na experiência do "**tudo poder dizer**". É uma instituição que tende a extrapolar [*déborder*] a instituição." (DERRIDA)

"A literatura não é o fato de uma linguagem se transformar em obra, tampouco é o fato de uma obra ser fabricada com linguagem; a literatura é um terceiro ponto, diferente da linguagem e diferente da obra, um **terceiro ponto que é exterior à reta que vai de uma à outra e que por isso mesmo desenha um espaço vazio**, uma brancura essencial onde nasce a pergunta "*O que é a literatura?"* (FOUCAULT)

> "A literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor **indireto**, ilumina o novo dia que chega. **A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa**." (BARTHES)

> "Todo ser humano é livre para se abrir, através de seu próprio caminho e de sua autotransformação liberadora, para o autoconhecimento de seu destino espiritual. O direito neste Sentido deveria estar inscrito entre os direitos do homem (...) *Transgressão* queria dizer originalmente *passar para outro lado, atravessar.* Com o tempo, a palavra veio a significar, para os tradutores da Bíblia: "violação da lei divina"; e, para os juristas: "violação de uma lei". A passagem de um nível de Realidade para outro ou de um nível de percepção para outro significa uma infração `as leis divinas ou humanas? **A transdisciplinaridade é uma transgressão generalizada que abre um espaço ilimitado de liberdade, de conhecimento, de tolerância e de amor.**" (NICOLESCU)

Meus caros amigos, hoje iremos prosear um pouco sobre uma tríade que me vem consumindo há tempos. E peço permissão para acessá-los, porém, como nos ensina Nussbaum, pensadora estadunidense, não gostaria de tocá-los simplesmente pela via racional, essa nossa velha categoria, que, desde Kant, mas, mais ainda, desde Sócrates, vem governando as relações humanas – por certo, sabidamente falha, não dizer, frágil – assim, pela via da fragilidade que bem mais do que a razão nos compõe como humanos, é que gostaria de lhes falar. Sobretudo, pois, pela fresta da fragilidade do humano, entraria talvez uma dimensão mais interessante, não que isso nos componha em nossa totalidade, entretanto, admitamos, por mais que nossa *sociedade espetacularizada* não queira admitir, por mais que nosso ego não nos permita pedir ajuda, solicitar o Outro, de fato, a fragilidade nos compõe. Desde sempre destinados à incompletude, desde o nascimento até o termo da existência, carecemos – somos, portanto, mais do que o *zoon politikon* aristotélico, seres que carecem.

E, por isso que nos une, por essa abertura que nos compõe, convido-os à reflexão sobre literatura, mediação e filosofia. Não procurarei aprofundar as diversas matizes conceituais de cada um de nossos convivas. O que a filosofia é, o que a literatura é e o que a mediação é, importaria muito mais a um exercício intelectual acadêmico quase sem gosto e Barthes já nos ensinou que o saber tem mais a ver com sabor do que qualquer outra coisa – não há saber sem sabor, ou seja, não sabemos apenas para uma dimensão intelectiva da vida, pois, saborear o conhecimento é um exercício que se consuma apenas pela e na mediação do Outro, não há **o *eu***, como diz Lévinas, antes do Outro, portanto, o Outro chega **antes do saber, da razão, antes de nos darmos conta;** assim, meus caros, iniciamos nossa jornada. O termo mediação, que está no meio, que intercala, que une, que ata, que é ponte, que está entre a ação, só existe porque o Outro a permite.

Aquele frágil humano que está sempre a se doar, a permitir nossa forma de existir, para o bem ou para o mal. A mediação do mundo se dá pelo intermédio do Outro. Insisto: ele, ela, chegam antes do ***eu,*** assim, a mediação é uma tarefa que é possível a partir dessa face que se nos mostra a cada momento; arriscaria dizer que o mundo, só é mundo, quando e por que o Outro nos empresta essa chance, logo, ele é quem media nossa relação com o mundo: Ele, o Outro, que apesar de constituir nossa ponte para o mundo, é também ele, ela, uma categoria absolutamente segredosa – ai como eu queria falar para vocês sobre o segredo!!! rsrs -, então, vamos a uma questão objetiva para o entendimento do que pretendo dizer a você: O Outro, a Outra, são, em sua totalidade, ininteligíveis pela categoria racional - ao mesmo tempo em que apontamos e dizemos: isso é isso; nesse momento, o mundo, nossas pré-compreensões, o Outro, já tomaram conta, e assim, vivemos a procurar uma fotografia de um pássaro que está sempre a voar. O Outro e a Outra, paradoxalmente nos permitem ao mundo, e ao mesmo tempo, furtam-no. Mirem: nos permitem uma vez que sem eles não haveria mundo e nem sequer sentido, de outro lado, quando entendemos que alcançamos o mundo, se torna necessário perceber que aquilo que compusemos enquanto mundo, não passa de um olhar nosso, portanto, incompleto, inacabado – essa visão de mundo pode ser melhorada...

A LITERATURA E O OUTRO

Se estivermos atentos ao que nos ensinam, tanto Derrida quando Foucault, percebermos que a literatura para eles possui algo comum: não há para ela a possibilidade de um dizer final, ou seja, a própria questão do que seja a literatura, é já uma resposta que quando dada, alarga, torna além, um branco essencial, que nos impede sufoca-la com nossa sanha de apreender tudo. Vejamos que a palavra apreender é já um sinal do problema que se anuncia: olhar o Outro e a Outra sob a nossa perspectiva é torná-los, quando muito, um efeito de nossas próprias dimensões de observação, portanto, a literatura aparece como esse local privilegiado de talho com o humano; ora, vez que ela não se dá a concessões, não está limitada por uma regra universal, senão aquela que ela própria inventa a cada ato de si; relembrarei aqui uma pergunta que eu mesmo me fiz em um texto escrito há anos: *É o humano literatura?* Bom, por certo, a resposta é positiva, pois, se observarmos com cuidado e carinho esta

pergunta, veremos que ao fazê-la estamos a projetar o humano para além de si, de nós mesmos, e, portanto, entregando-o à sua dimensão mais primordial, a da relação com o Outro, que o constitui, que o mostra frágil, carente, e, ao mesmo tempo, não permite marcá-lo com o açoite do conceito científico. Estamos sempre em um *por vir* que é anunciado pelo encontro.

Logo, gostaríamos de dizer que se de um lado perguntar pelo *quê* da literatura é reconhecer que ela se anuncia sempre escorregadia e para além de nossos olhos, o humano, em nossa concepção, também apresentar-se-ia nessa mesma dimensão. Por isso, nossa proposta de trabalhar a mediação junto da literatura, pois, parece-nos, que apenas por essa via, não interditada pela nossa questão racional e aprisionadora, poderíamos de uma só vez: reconhecer a nossa fragilidade ante o Outro, e assim não projetarmos nele nossas próprias formas de perceber o mundo, e, ao mesmo tempo, ao sabermos que ele é um infinito, carente, suscitaria um trabalho ético de não furto da alteridade, que nos tornaria seres mais empáticos, o que nos conduz a uma dimensão clara da mediação: a escuta ativa.

A literatura é o infinito do Outro e da Outra, pois, o *é*, conectivo verbal mormente requerido pelo pensamento racional não daria conta desta frase. Veja, o *é* indica o que algo seria, dimensionando sua forma de existir, entanto, quando opomos o termo infinito ao lado do *é*, parece, e espero que sim, vocês, junto comigo, entendem que quero evidenciar um paradoxo. Não há o *é* para dizer da literatura, senão aquilo que ela torna enquanto arranca do mundo aquilo que ele tem e oferece a ele uma morada outra. Da mesma forma, o Outro, se atentarmos ao mínimo ético requerido por Lévinas, fica claro que não pode ser definido, pois, ele só *é* na medida do *eu*, e, já sabemos, o *eu*, não existe sem o Outro; incorreríamos em uma contradição performativa se acaso disséssemos que o *eu* tem condições de dizer do Outro, da Outra – para a relação/mediação com eles e deles, a razão não basta, e como nos diz Warat, o afeto entra em questão.

Lembram-se que ao início do texto convidei para uma reflexão a tocar mais do que a razão, pois, aqui chegamos a esse ponto: o saber, só com sabor; o sabor, quem nos permite é o Outro; O Outro é impossível captar com a razão; já é tempo de percebermos a necessidade de desenvolvimento de nossa dimensão afetiva, sob o risco de nos relacionarmos apenas como nosso próprio espelho, milimétrica e racionalmente esculpido pelo nosso ego.

A literatura como horizonte.

Por isso trouxemos a literatura, pois, ela, como o Outro, são maneiras de existir que por mais que cataloguemos, nunca daremos conta de dizer totalmente o *que é* e o *que não é.* Vejamos que pela via da literatura podemos alcançar várias questões importantes para a mediação:

a) a literatura pode causar no leitor uma espécie de transcendência ética, na qual ela ou ele podem acessar existências que estariam ou estão para além das suas próprias capacidades especulativas;
b) a literatura não possui um encerramento de si, pois, miremos: ela é órfã do escritor quando está em posse do leitor, e além, é também órfã do leitor quando ainda não fio publicada, por isso, ela sempre será aquilo que não se pode dizer: a literatura rompe assim com um paternalismo que castra a invenção, pois, nunca saberemos o que o autor quis dizer ao certo; de outro lado, ela sempre requer uma acolhida do leitor, que por sua vez, carecendo do autor, necessita inserir ali também um pedaço a mais de literatura, de si: somos seres carentes, não por causa de uma falta inventada pela *indústria cultural*, mas por um condição ontológica que nos impinge a ir além, e além, tem o Outro, tem literatura;
c) perceber o infinito da literatura é perceber que ela sempre espera: quando está a ser escrita, o autor espera o leitor; o leitor, por sua vez, espera o texto e nele se perde, tornando-se outro; não há literatura sem o Outro, seja ele leitor ou o próprio texto transformado pelo leitor que vem; conseguimos perceber a arapuca que é querer dizer algo sobre o que *é* a literatura?
d) ainda, ao alargar o mundo, a literatura também o inventa. Narrar é uma tarefa a que sempre estamos lançados enquanto seres de linguagem, portanto, as narrativas da literatura fundam novos mundos, novas formas de viver, logo, ao abrir-se a elas, abrimos também nossas condições de percepção do Outro, que até então estava preso em nossas parcas pré-compreensões;
e) gostaria de dizer uma frase inspirado no livro de Frédéric Gros *Desobedecer:* as principais tragédias humanas não teriam sido cometidas por atos de desobediência, mas sim de obediência *cega*, logo, a relação do pensamento com a literatura é imprescindível para reconhecermos a nossa chance de desobediência das normas que impedem o acesso ao Outro de maneira ética – a literatura, como algo mais interessante que o próprio mundo, permite com que nos desvencilhemos do peso dos dogmas, e esse é um primeiro passo para estar junto do Outro;
f) se pensarmos em uma dimensão mais abrangente, o real, em tese, não existe, há sim mediações pelas quais tentamos acessá-lo, logo, a literatura se

portaria como uma espécie de mediadora do real, ou seja, pense em uma pessoa antes e depois do contato com uma obra como *O grande sertão veredas* ou *Sobrevivendo no inferno* dos Racionais. Não nos parece que o mundo será o mesmo, logo, a literatura nos abre os poros dos sentidos para uma sorte de linguagem que por sua vez nos mostram forma de existir para além do que podíamos supor;

g) a literatura não é, ela sempre está a caminho de si, existindo nos interstícios; é ela mesma composta por várias camadas. O texto é sempre outro quando voltamos a ele; e se nos arriscássemos a pensar que os seres humanos também são textos com camadas a serem desvendadas? E se assim como a forma do texto, suas entonações, pontos, exclamações, perguntas, cada suspiro da gramática, o humano também carece desse cuidado ao ser tocado/lido: a literatura nos ensina as profundezas do humano;

h) se observarmos a incompletude da literatura, percebemos que ela não impõe uma forma correta de existência, vejamos Saramago e sua forma peculiar de literatura; não cumpre as regras e funda a literatura; o humano, assim como a literatura, é singular, e talvez, deixar ir, como nos ensina Caetano, seja a forma mais adequada de olharmos esse Outro; não postular medidas gerais e abstratas e/ou modelos, mas sim, deixar com que o Outro aconteça, em toda sua singularidade;

i) a literatura, como a mediação, não requer pontos finais, vejamos que a obra não se encerra em suas páginas; a mediação e o Outro, na mesma feita, nunca podem ser dados como findos pelo mediador; ele aprende, assim, que o Outro e suas circunstâncias, não podem ser emparedados pelas nossas apreensões, o fim da mediação é o nascimento do Outro, dai que, a literatura não é obra do seu autor, tampouco, do leitor, ela é o trânsito entre um e outro com o mundo, da mesma maneira, o mediador ou mediadora não são autores da narrativa do Outro, apenas são vias pelas quais haverá uma construção da narrativa, sem que haja determinação *a priori;*

j) a informalidade da literatura é também requerida pela mediação; ela permite que o Outro se mostre sem vestes; e assim, lembramos Derrida, a *literatura tudo pode dizer*, como quiser, sem que haja determinações formais: veja que grande encontro! E ensinamento maior ainda, pois, a literatura, singular que é, quando feita, faz também outras regras, inventa-as, transgride-as; a narrativa, sempre singular, necessariamente irá transbordar nossas pré-compreensões...

Transgressão e ecologia de saberes

Não poderia deixar de convocar rapidamente duas questões que entretecem nossa prosa. A primeira delas é a questão da *transdisciplinaridade* que envolve esse assunto. Não se tratará de nos mantermos presos à disciplina, pois mesmo a interdisciplinaridade ainda está armadilhada pelas arapucas das disciplinas. O Outro é indisciplinado, e desde Foucault já sabemos o problema histórico pelo qual construímos narrativas castrantes. É necessário deixar viver para viver. Assim, a mediação necessita descer à ordens que necessariamente não irão se mostrar pela aparência conflitosa, local em que atua o direito ortodoxo. Portanto, ir aonde não se pode ir é transgredir a disciplinar e deixar o Outro e a Outra livres, tanto para composição da narrativa, como para construção da resolução ou não do conflito.

Logo, transgredir é inverter os polos, deixar falar antes de dizer. O ouvido antes da fala. E quando estamos com a literatura, ouvimos, e esse ouvir nos permite sair de nós mesmo. O outro é sim literatura. Como o é o humano, frágil ser de narrativas. Quando Nicolescu nos convida a transgredir para além da disciplina, está de alguma forma e eticamente, supondo que o Outro não cabe em nós, para o bem e para o mal ele precisa ser liberto do cativeiro do *eu*...Transgredir é assunto da mediação, que apenas como um ato de doação se consuma, doar-se à narrativa do Outro, sem querer dar a ele a melhor ou a correta direção.

A *ecologia dos saberes* é teoria criada por Boaventura de Sousa Santos e nos ajuda aqui pois nela não temos as hierarquias da ciência convencional. Saberes se mostram de forma dinâmica e complementar, porém, nunca superiores ou inferiores, nos parece que perceber isso é entender que naquilo que de nós se distancia mora a chance da novidade, do Outro, da atitude ética perante o mundo.

Convido-os para irmos além da disciplina, deixando para trás uma *egologia* e propondo uma *ecologia* da mediação na qual além de seus princípios norteadores, suas regras, tenhamos nas mãos e nos olhos a hipótese sempre aberta de que o Outro vai nos decepcionar em nossas intenções de aprisiona-lo, de dizer o que fazer, pois, entendemos que apenas assim, nessa abertura para a fragilidade de si e do Outro, podemos ver nascer a cor azul que distingue a vida em sua dimensão de mais poesia, de mais autonomia; que reconhece o conflito como forma de composição do humano, que não quer prender, que liberta e deixa viver. O medo, que é uma forma de criar cativeiro, é irmão da imposição, com ele, o humano não inventa, se não inventa, não exerce sua existência em totalidade. Entreguemo-nos à transgressão que o Outro traz consigo, para o bem dele, para o nosso bem, para que não caiamos no erro moderno de querer encerrar a existência em uma narrativa racional. Do mediador, requeremos mais literatura, para que não se limite

e, por sua vez, não imprima ao mediando aquilo que ele não consegue experienciar...Isso que é a singularidade de cada um e que só vem no contato com um ouvido atento e ético, que transgride a razão e faz sempre aquilo que é impossível fazer.

BIBLIOGRAFIA

[1] CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. 272p.
[2] DERRIDA, Jacques. Da hospitalidade. Trad. de Fernanda Bernardo. Praga: Palimage, 2003. 142p.
[3] DERRIDA, Jacques. Força de lei – o fundamento místico da autoridade. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campos das Letras, 2003. 145p.
[4] HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 1989. 598 p.
[5] LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980. 312p.
[6] NASCIMENTO, Evando. Derrida e a literatura – "notas" de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. Niterói: Editora da UFF, 1999. 424p.
[7] NICOLESCU, Basarab. O manifesto da transdisciplinaridade. Triom: São Paulo, 1999. 24p.
[8] NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. É o humano literatura?. In: FRANCO, Ângela Barbosa; GURGEL, Maria Antonieta Rigueira Leal. (orgas.). Direito e literatura: interseções discursivas nas veredas da linguagem. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2014. p. 1-12.
[9] NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Hospitalidade condicional/hospitalidade incondicional: entre Kant e Derrida, paradigmas que se autodesconstroem. In: DUARTE CUADROS, Rubén Alberto (Org.). Perspectivas de la filosofía del Derecho y las teorías jurídicas contemporáneas. Bogotá: Editorial Kimpres Ltda, 2011. v. 1. p. 43-52.
[10] NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Imaginar a existência na poesia literária de Mia Couto. Diké (Itabirito), v. 1, p. 81-89, 2013. NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. O direito como possibilidade de um projeto autêntico do homem ocidental. In: ÁNGEL ALVAREZ, Jaime Aberto. (Org.). Filosofía y Ética: deliberaciones sobre política y globalización. Bogotá: Editorial Kimpres Ltda, 2011. v. 1. p. 339-350.
[11] SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos - CEBRAP, São Paulo, n.79, nov. 2007.
[12] SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento, 2010.
[13] STRECK, Lenio Luiz. Porque precisamos de grandes narrativas no e do direito. In: NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; SILVA, Ramon Mapa da (Org.). Direito e literatura: por que devemos escrever narrativas? Belo Horizonte: Arraes, 2013. p. 61 - 66.